

Sobreviver para contar*

Joëlle Rouchou

Em palestra recente no Rio de Janeiro, o autor paquistanês Tariq Ali analisou a atitude dos homens-bomba como ato de resistência à integridade nacional, e perguntou para a platéia de psicanalistas por que os judeus não se explodiram nos campos de concentração, o suicídio encarado como resistência política. Uma das respostas pode estar no romance *Sem destino* do autor húngaro Imre Kertész, Prêmio Nobel de Literatura em 2002.

Nele, um adolescente judeu é deportado do campo de Auschwitz para o de Buchenwald, e opta por viver como teimosia, como resistência. O leitor conhece a história, mas o narrador não tem nenhuma noção do que está lhe acontecendo, como vai terminar sua saga, como será sua vida. O relato é introspectivo, quase um diário, econômico em adjetivos porém rico em detalhes e descrições.

Imre Kertész, 74 anos, hoje um autor consagrado e célebre, nasceu em Budapeste, filho de pais judeus, e foi deportado para Auschwitz aos 15 anos. A mesma trajetória do personagem de seu romance. Kertész faz parte do pequeno grupo de sobreviventes dos horrores do holocausto. De volta à terra natal, viveu sob o regime stalinista, trabalhando na redação do jornal "Világosság". De lá foi demitido em 1951, passou dois anos servindo no exército húngaro, depois dedicou-se à literatura e trabalhou como tradutor de Mann, Kafka, Freud, Nietzsche e Wittgenstein para o húngaro.

Sem destino é seu primeiro livro, escrito 15 anos após o fim da guerra, não sendo uma autobiografia. Nos anos 60, o livro não foi bem recebido pela editora do Partido Comunista e somente em 1975 uma pequena editora húngara o publicou. Dez anos depois seria editado na Suécia, e lentamente o escritor apareceu para o mundo. O

* Resenha do livro *Sem destino* de Imre Kertész, publicado no Portal Literal em 16.01.2004.

Prêmio Nobel em 2002 foi o reconhecimento da obra que, juntamente com *O que é um homem?* do escritor italiano Primo Levi, documenta a rotina dos presos em campos de concentração nazista. Os dois sobreviventes, judeus não praticantes, encontram-se na kafkiana situação de presos tendo como única acusação terem nascido em famílias judaicas. Os dois também publicam, sintomaticamente, obras com título de orações fundamentais para a religião judaica. Enquanto Levi escreve o poema "Shemá", em 1946, que pode ser traduzido por "Ouve", primeira palavra da oração "Shemá Israel" (Ouve Israel, base do monoteísmo), Kertész escreve seu *Kadish por uma criança não nascida* (Imago). O kadish é a oração que se recita em memória aos mortos na tradição judaica.

Tanto Levi como Kertész usam a palavra, a letra, como testemunha para revelar ao mundo - e a eles mesmos - as atrocidades cometidas por seres humanos. Em *Sem destino*, Kertész descreve, com olhos e otimismo de adolescente, a escalada da maldade, como um judeu foi retirado de sua casa e enviado a pé, de trem, de um campo para outro. Seu personagem, György Köves, chega à fina ironia de fazer descrições sobre a beleza das paisagens e até da felicidade nos campos:

"Pois lá, [nos campos] entre durezas, havia, na pausa das torturas, alguma coisa que se assemelhava à felicidade. Todos perguntam apenas das condições, dos 'horrores', ao passo que, para mim, a experiência mais memorável é esta. Sim, da próxima vez, se me perguntarem, eu deveria falar disso, falar da felicidade nos campos de concentração. Se me perguntarem. E se eu não me esquecer."

A vida do personagem antes do campo era dividida entre escola, amigos e os pais, separados. Descobriu os lábios de Annamária durante um alarme antiaéreo, quando ela, assustada, o abraça. A memória do primeiro beijo é atualizada quando ele se lembra de sua identidade oficial, e ganha o direito ao trabalho, além da outra identidade: a do judeu que tinha de estampar a estrela amarela no peito.

Um dia, indo para o trabalho, um policial pára o ônibus e manda todos os judeus descerem. O grupo passa por uma longa revista, novos grupos vão chegando e

andando juntos por uma bela tarde de verão. Entram num bonde, descem numa caserna. E voltam para um trem. Ele tinha um jantar marcado com a madrasta ao qual não pôde comparecer.

A viagem de trem é difícil, todos apertados, fome, sede, baldes servem de latrina. Mas é a guerra. O que mais impressiona em seu relato é a busca de uma objetividade para contar a seqüência de provações, a via sacra a que foram submetidos os judeus mandados para os campos. Kertész escolheu o ponto de vista descritivo mais seco possível. Não lhe parece necessário adjetivar a gravidade da situação no lager. Ela existe nos fatos vividos por Köves, aparecendo aqui como emblema de uma geração aniquilada no seu momento mais promissor e sonhador: a adolescência.

Mesmo declarando que seu livro não é autobiográfico, permanece a certeza de que sua prisão, seguida por milagrosa libertação, serviu como fato motivador para que Kertész pudesse contar ao mundo seu calvário. Apesar de buscar um lado Poliana na situação, sua juventude e o resto de sua vida foram comprometidos e feridos profundamente com o injusto encarceramento nos campos.

O romance pode não render uma espetacular produção cinematográfica, a narrativa é introspectiva e quase fria, como quando Köves percebe que existe tédio em Auschwitz: "Assim descobri: parecia que mesmo em Auschwitz era possível existir tédio – desde que fôssemos privilegiados. Ficávamos à espera, esperávamos – se penso bem – que na verdade não acontecesse nada". A descrição da paisagem, o roteiro entre os campos, a transferência para Buchenwald são sempre ricas em detalhes. O narrador é um observador cuidadoso, um jovem que custa a entender seu destino final e vai vivendo toda manhã como se fosse a última, minuto a minuto, enquanto puder respirar. Como se fosse o último segundo de oxigênio.

Se seu destino é uma incógnita, Köves quer saber o que será dos doentes, dos mortos. E perguntado a seus pares – afinal é da natureza dos adolescentes serem curiosos - descobre o forno crematório. Os mortos são incinerados e as chaminés que via no

horizonte, acreditando serem de uma fábrica de couro, eram incontáveis: "seria tão grande a epidemia a ponto de existirem tantos mortos?".

O mais instigante no romance é acompanhar a trajetória do personagem, o início inocente, os amigos que faz durante as deportações, o desespero, as doenças de pele que contrai, as evoluções em seu corpo que ele acompanha dia após dia. Em pouco tempo sente a pele flácida e envelhecida. É perceber como ele se adequa à inversão de valores ao ter de lutar pela sobrevivência, constatando, por exemplo, a importância de um sapato, de estar calçado, de esforçar-se para não ter furos nas solas para proteger-se do frio, da lama e das infecções.

A escolha do autor é sempre pela vida. Não permite que seu romance atravesse a via da compaixão. Mantém-se na estrada descritiva, sem levantar indignações, atribuir culpas, carregar ressentimentos pontuais. Esse fio condutor leva, então, a uma etapa mais interessante que a da lágrima fácil. Chega-se à reflexão mais profunda das possibilidades dos seres humanos.

O narrador dedica algumas linhas aos suicídios no campo, dizendo que eram muito raros, e vistos como um ato impensado, precipitado: "O essencial era não nos entregarmos". Era preciso sobreviver. Para testemunhar, relatar, contar.